

Personagens da Confederação do Equador no Ceará

JÚLIO LIMA VERDE CAMPOS DE OLIVEIRA¹

Resumo

Ceste resumido texto foi apresentado no formato de uma comunicação durante o Seminário Comemorativo do Bicentenário da Confederação do Equador realizado nas cidades do Recife e em Fortaleza. Nele são apresentados os principais dados biográficos dos personagens que se envolveram mais diretamente no movimento na província do Ceará em 1824.

Iniciamos por Tristão de Alencar Araripe, seguindo-se as figuras do Padre Mororó, Pessoa Anta, Francisco Ibiapina, Azevedo Bolão, José Carapinima, Pereira Filgueiras e Martiniano de Alencar.

Cada um a seu tempo, tiveram uma participação importante na Confederação que no Ceará, teve um pesado tributo a ser pago com a vida de seis de seus principais atores. É portanto, mais do que justo que lembremos nos nossos mártires que foram imolados em defesa dos seus ideais de liberdade.

TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARARIPE

Nasceu no Crato-CE, em 17 de setembro de 1789 e faleceu em Jaguaratama-CE, em 31 de outubro de 1824. Filho de José Gonçalves dos Santos e Bárbara Pereira de Alencar.

Casou-se com Ana Porcina Ferreira de Lima (depois da morte do marido mudou o nome para Ana Triste de Alencar Araripe), com quem teve nove filhos. Com a mãe e os irmãos José Martiniano Pereira de

1 Presidente do Instituto do Ceará

Alencar e Carlos José dos Santos, tomou parte da Revolução de 1817 e da Confederação do Equador em 1824.

Por sua participação na Revolução de 1817, foi encarcerado por cerca de quatro anos no Ceará, Pernambuco e Bahia. Comandou, juntamente com José Pereira Filgueiras, a expedição que, no Piauí, deu combate às tropas do major João José da Cunha Fidié.

Em 1824, tornou-se o governador da Província, na esteira dos acontecimentos que recusaram a nomeação, por D. Pedro I, de Costa Barros. Presidiu a sessão do Grande Conselho que proclamou, em 26 de agosto de 1824, a república no Ceará.

“Vencido, traído e abandonado dos seus” (Barão de Studart), foi morto no campo de Santa Rosa (atual Jaguaribara), nas margens do rio Jaguaribe, tendo, em seguida, o cadáver mutilado e exposto ao escárnio público.

GONÇALO INÁCIO DE LOIOLA ALBUQUERQUE E MELO (PADRE MORORÓ)

Nasceu em Groaíras-CE, em 24 de julho de 1778 e faleceu em Fortaleza-CE, em 30 de abril de 1825. Filho de Félix José de Sousa e Oliveira, natural do Rio Grande do Norte, e Teodósia Maria de Jesus Madeira, de ascendência portuguesa.

Sacerdote e jornalista, era latinista, pregador sacro, jurista e botânico. Estudou no Seminário de Olinda, ordenando-se sacerdote em 1802. Foi vigário de Boa Viagem, Tamboril e Quixeramobim. No seminário, conviveu com, entre outros, o padre Miguelinho, o padre João Ribeiro e o frei Caneca.

Liderou a reação da Câmara de Quixeramobim contra o fechamento da Assembleia Constituinte, reação tal que, no dia nove de janeiro de 1824, considerou decaída a dinastia dos Bragança e proclamou a república.

Foi diretor, editor e redator do Diário do Governo do Ceará, o primeiro jornal publicado na Província do Ceará. Secretariou a sessão do Grande Conselho em que se proclamaram a república na Província do Ceará bem como a adesão à Confederação do Equador, razão pela qual acabou preso e condenado à morte pela força pela Comissão Militar presidida por Conrado Jacob de Niemeyer. A pena acabou por ser convertida em fuzilamento ocorrido no Campo da Pólvora, juntamente com João de Andrade Pessoa Anta.

JOÃO DE ANDRADE PESSOA ANTA

Nasceu em Granja-CE, em 23 de dezembro de 1787 e faleceu em Fortaleza-CE, em 30 de abril de 1825. Comerciante e pecuarista era filho (segundo) do capitão-mor Tomás Antônio Pessoa de Andrade e Francisca Maria de Jesus Mota.

O futuro Senador do Império Francisco de Paula Pessoa era seu irmão, bem como o futuro deputado provincial, José Raimundo Pessoa de Andrade. Da união conjugal com Raimunda Ferreira Veras teve quatro filhos.

Foi nomeado sargento-mor de ordenanças por D. João VI, depois foi capitão-mor da Vila de Granja, e coronel de milícias nomeado por D. Pedro I. Comandou as forças que saíram da sua vila natal e participaram da guerra da Independência, impedindo a entrada do major João José da Cunha Fidié em Parnaíba e se destacando na Batalha do Jenipapo, ocorrida no hoje município de Campo Maior, no Estado do Piauí, pelo que foi condecorado, no grau de oficial, com a Imperial Ordem do Cruzeiro.

Foi o chefe da oposição na vila de Granja e tendo aderido à Confederação do Equador, acabou condenado à morte pela Comissão Militar presidida por Conrado Jacob Niemeyer. Foi fuzilado no dia 30 de abril de 1825, em seguida ao padre Gonçalo Mororó, no Campo da Pólvora, em Fortaleza.

FRANCISCO MIGUEL PEREIRA IBIAPINA

Nasceu em Sobral-CE, em 3 de junho de 1774 e faleceu em Fortaleza-CE, em 7 de maio de 1825. Era filho de Manuel Pereira de Sousa e Teresa Maria de Assunção e pai de José Antônio Maria Ibiapina, o padre Ibiapina.

No Crato, atuou de forma decisiva contra os participantes da Revolução de 1817, influenciando no ânimo de José Pereira Filgueiras para que fizesse a contrarrevolução. Foi Tabelião e escrivão no Icó, Crato e em Fortaleza.

Sensibilizado com a violência da dissolução da Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil, apoiou a Confederação do Equador. Deputado ao Supremo Conselho Salvador (Confederação do Equador). Julgado pela comissão militar presidida por Conrado Jacó de Niemeyer, foi condenado à morte, tendo sido executado por fuzilamento no dia 7 de maio de 1825, no Campo da Pólvora, em Fortaleza.

LUÍS INÁCIO DE AZEVEDO BOLÃO

Nasceu na Bahia em 1785 e faleceu em Fortaleza-CE, em 16 de maio de 1825. Carpinteiro de profissão era casado com Rosa Amaral do Azevedo em Aracati. Veio para o Ceará durante o governo Costa Barros.

Apoiando o ideal republicano, aderiu à Confederação do Equador e incorporou-se às tropas de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Derrotadas as forças revolucionárias, foi preso no campo de Santo Rosa, onde Tristão foi morto.

Acusado de ter sido preso com as armas na mão, foi condenado à pena de morte pela Comissão Militar presidida por Conrado Jacob Niemeyer, e fuzilado no dia 16 de maio de 1825, no Campo da Pólvora, em Fortaleza.

FELICIANO JOSÉ DA SILVA CARAPINIMA

Natural de Minas Gerais nasceu em 1781 e faleceu em Fortaleza-CE, em 28 de maio de 1825. Servidor público, depois de exercer funções públicas na Província de Minas Gerais, chegou ao Ceará em 1820, passando a exercer o cargo de secretário do governador Francisco Alberto Rubim.

Organizou um Corpo de Cavalaria em Fortaleza, do qual foi tenente-coronel. Foi secretário do Governador-das-Armas José Pereira Filgueiras.

Preso, por aderir à Confederação do Equador, recebeu inicialmente a proteção do Governador José Felix, que resultou insuficiente diante da pressão de Pedro José da Costa Barros pela sua condenação.

Julgado pela Comissão Militar presidida por Conrado Jacob Niemeyer, foi considerado culpado e condenado à morte, tendo sido fuzilado no dia 7 de maio de 1825, no Campo da Pólvora, em Fortaleza.

JOSÉ PEREIRA FILGUEIRAS

Nasceu em Santo Amaro-BA, no ano de 1758, e faleceu em São Romão-MG, em 26 de fevereiro de 1825, embora haja controvérsias tanto sobre o lugar de nascimento e quanto ao ano e circunstâncias da sua morte.

Militar e agropecuarista, era filho de José Quezado Filgueiras Lima, português, e Maria Pereira de Castro, baiana. Aos cinco anos de idade,

foi trazido para o Cariri cearense, onde foi Capitão-Mor da Vila Real do Crato a partir de 1799.

Combateu a república proclamada no Crato em 1817 e juntamente com Tristão Gonçalves comandou um exército composto por jagunços, camponeses, índios e escravos que combateu as tropas do major João José da Cunha Fidié no Piauí e Maranhão, libertando-os do jugo português.

Em 1824, ajudou a depor o primeiro governador da Província do Ceará, Pedro José da Costa Barros. Durante o curto período da república cearense, proclamada em 1824, foi o comandante de armas.

Derrotada a Confederação do Equador, e com a morte de Tristão Gonçalves e depois de vários combates, Pereira Filgueiras depôs as armas. Conduzido preso ao Rio de Janeiro, faleceu a caminho, no território de Minas Gerais.

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

Nasceu no Crato-CE em 16 de outubro de 1794 e faleceu no Rio de Janeiro em 15 de março de 1860. Ex-padre, jornalista e político, era filho de Bárbara de Alencar e tomou parte na Revolução de 1817 e da Confederação do Equador.

Casado, teve treze filhos, dentre eles o romancista José de Alencar. Na Confederação, fugiu para a região do São Francisco e foi preso em Pintada, no distrito de Cabrobó-PE. De volta ao Ceará foi julgado em 14 de dezembro de 1825 e foi absolvido.

Foi Presidente da Província do Ceará por duas vezes: de 6/10/1834 a 25/11/1837 e de 20/10/1840 a 06/04/1841. Senador vitalício pelo Ceará de 02/05/1832 até sua morte em 15/04/1860.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRÍGIDO, João. *Padre Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque Mello Mororó*, Revista do Instituto do Ceará, Tomo III, 1889, p. 28-50.

_____. *Coronel João de Andrade Pessoa Anta*, Revista do Instituto do Ceará, Tomo III, 1889, p. 61-75.

PINHEIRO, Irineu. *Um baiano a serviço do Ceará e do Brasil*, Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXV, 1951, p. 5-27.

SOUZA, Eusebio. *A epopéa de Santa Rosa*, Revista do Instituto do Ceará, Tomo XXXIX, 1925, p. 15-23.

STUDART, Barão. *Ligeiros traços biográficos dos Martyres de 1824*, Tomo especial da Revista do Instituto do Ceará, 1924, p. 618-634.

(Palestra proferida no Instituto do Ceará em 27 de agosto de 2024)
